

**Entre o mar, árvores, fogueiras e areia: Uma etnografia dos afetos e  
entrelaçamentos com as práticas de cuidados e cura de terapeutas e  
indígenas de etnia Pataxó (BA)<sup>1</sup>**

Jaqueline Rocha Oliveira – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Andréia Meinerz - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**Resumo**

A partir do encontro de duas pesquisadoras e seus compartilhamentos, neste trabalho voltamos o nosso olhar para o campo realizado em Santa Cruz de Cabrália, na aldeia Nova Coroa Pataxó, localizada no Sul da Bahia, entre os dias 11 a 22 de janeiro de 2024. Ambas participam do mesmo grupo de orientação, sendo uma da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a outra da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Assim, a entrada para o campo etnográfico aconteceu por meio do convite de um grupo de terapeutas para participar da 5ª Viagem Terapêutica. Essa viagem acontece desde 2006, com intervalos de alguns anos entre uma e outra, reunindo majoritariamente pessoas da região do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais. Além das(dos) praticantes de diferentes terapias e dos(das) praticantes mais experientes (LAVE & WENGER, 2022), mestras e/ou xamãs, o grupo também é composto por pessoas atendidas por essas práticas de cura e cuidados. São pessoas de diversas faixas etárias e etnias, boa parte residindo em territórios rurais.

Por meio das observações em campo, registros, conversas e afetos propomos um trabalho criativo utilizando a metodologia etnográfica. Importante ressaltar que essa etnografia aconteceu, e constitui-se como parte de uma pesquisa de Doutorado em Educação na UFMG de uma das autoras. Esta pesquisa foi iniciada em 2022 e está em andamento. Portanto, interessa-nos debruçar sobre o trabalho de campo realizado em parceria entre as duas pesquisadoras, para que assim possamos compor com as nossas percepções. A partir do encontro entre as pesquisadoras, o mundo indígena e o mundo dos/das terapeutas, nos reposicionamos a partir das seguintes questões: O que pode o corpo das pesquisadoras em um trabalho de campo com diferentes mundos? Quais os afetos (Favrte-Saada, 2005) produzidos pelas práticas de cura, cuidado e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

proteção durante um trabalho de campo etnográfico? Quais as interferências e entrelaçamentos produzidos entre as pesquisadoras e os diferentes territórios?

Nas visitas à aldeia, fomos recepcionadas com alimentos, danças, cantos e fogueira. Participamos desses momentos com nossos corpos em movimento, implicadas e afetadas nas vivências coletivas. Ao compor com os diferentes mundos, seja o mundo indígena ou o mundo dos terapeutas, nos enredamos (Ingold, 2010), desde a posição de pesquisadoras a um certo pertencimento da comunidade de práticas (Lave & Wenger, 2022), cuidando e sendo cuidadas. Reposicionamos, então, a nossa forma de habitar e perceber outras ontologias. Construimos possíveis alianças (Prigogine & Stengers, 1983) entre a nossa realidade e as árvores, o mar, as terapias, os cuidados, as fogueiras, o nascer do sol, os humanos e mais que humanos, indo além da dicotomia entre natureza e cultura.

**Palavras chaves:** espiritualidade, cuidado, práticas.

## **Introdução**

A partir do encontro de duas pesquisadoras, neste trabalho voltamos o nosso olhar para o campo realizado em Santa Cruz de Cabrália, na aldeia Nova Coroa Pataxó, localizada no Sul da Bahia entre os dias 11 a 22 de janeiro de 2024. Compartilhamos nossos afetos, percepções e emaranhamentos, e disso resultou uma pesquisa etnográfica, que tem como finalidade a observação das práticas de curas e cuidados de uma comunidade de praticantes de terapias de Minas Gerais compondo com uma aldeia indígena de etnia Pataxó no Sul da Bahia.

Participamos do mesmo grupo de pesquisa orientadas pela professora Isabel Cristina de Moura Carvalho, sendo uma da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a outra da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o que contribui para aproximar nossas perspectivas. Por meio das observações em campo, registros, conversas e afetos propomos um trabalho utilizando a metodologia etnográfica. Importante ressaltar que essa etnografia aconteceu, e constitui-se como parte de uma pesquisa de Doutorado em Educação na UFMG de uma das autoras. Desse modo, esta pesquisa foi iniciada em 2022 e está em andamento.

Portanto, interessa-nos debruçar sobre esse trabalho de campo realizado em parceria entre as duas pesquisadoras. Não pretendemos com isso aplicar uma teoria à realidade empírica, nem tão pouco ‘capturar’ uma prática para comprovar uma teoria. Assim, o

desafio que está colocado aqui é “fazer pensar”, ou melhor acionar o que consideramos como uma pluralidade de cosmologias e cosmogonias que são produzidas em comunidades mais distantes do centro global (Stengers, 2005).

Nesse sentido, buscamos compreender o fenômeno aqui estudado em chave menor, ou seja, questionando a lógica da ‘equivalência de saberes’ que se inscreve a partir de uma cosmovisão homogeneizadora, hegemônica, racista e colonizadora, cujo os saberes considerados não científicos (tradicional, ‘senso comum’) são apenas ‘tolerados’ ou ‘deslegitimados’, e anunciar ‘confluências’ de novos modos de resistir, imaginar e pensar (Sztutman, 2019; Neto e Goldman, 2022).

A entrada para o campo etnográfico aconteceu por meio do convite de um grupo de terapeutas de Minas Gerais para participar da sua 5ª Viagem Terapêutica. Essa viagem acontece desde 2006, com intervalos de alguns anos entre uma e outra, reunindo majoritariamente pessoas da região do Vale do Rio Doce de Minas Gerais. Essas pessoas são praticantes de diferentes terapias, desde aquelas consideradas por estes como terapias holísticas (algumas literaturas antropológicas compreendem essas práticas como New Age) até as chamadas pelos praticantes de “Terapias Tradicionais”, que tem como referência os saberes e cosmologias afro-brasileiras e indígenas.

Desse modo, além dos(das) praticantes mais experientes (Lave & Wenger, 2022), mestras e/ou xamãs, o grupo pesquisado também é composto por pessoas atendidas por essas práticas de cura e cuidados. São pessoas de diversas faixas etárias e etnias, boa parte residindo em territórios rurais, sendo que alguns são agricultores e agricultoras agroecológicos.

Por meio de nossas percepções em campo, andamos, vemos e escrevemos, de tal forma a aguçar os sentidos para nos localizarmos no espaço social em que estudamos (Silva, 2009). A partir dessa posicionalidade do *fazer etnográfico*, e das implicações das relações estabelecidas com os grupos pesquisados nos territórios em que se orientam, transitam e experienciam, nos situamos. Ao mesmo tempo, aceitamos *ser afetadas*:

Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível. (Favret-Saada, 2005, P.160)

Enquanto nos deslocamos, percebemos, enxergamos e sentimos. Assim, colocamos a atenção em nossas *cosmopercepções* (Oyëwùmí,2002). Desse modo, a partir do encontro entre as pesquisadoras, o mundo indígena e o mundo dos/das terapeutas, nos reposicionamos a partir das seguintes questões: O que pode o corpo das pesquisadoras em um trabalho de campo compondo com diferentes mundos? Quais os afetos (FAVRET-SAADA, 2005) produzidos pelas práticas de cura, cuidado e proteção durante um trabalho de campo etnográfico? Quais as interferências e entrelaçamentos produzidos entre as pesquisadoras e os diferentes territórios?

### **Entrelaçamentos entre os/as Terapeutas e os/as Indígenas da Aldeia Nova Coroa Pataxó**

Dentre os (as) participantes da Viagem Terapêutica, a maioria eram terapeutas formados na Maju Escola de Terapias Tradicionais e Saberes da Terra. Outros, eram amigos (as) e parentes da Maria José, conhecida como Maju<sup>2</sup>. E alguns/mas eram clientes e parentes atendidos (as) pelos(as) terapeutas que estavam na viagem. Importante assinalar que dentre essas pessoas que participaram da Viagem Terapêutica, algumas são engajadas em movimentos sociais. São oriundos de movimentos sindicais do campo e da cidade, agricultores(as) agroecológicos (as) e participantes dos circuitos (Magnani, 2009) de terapias com trabalhos voluntários de cura e cuidados em suas comunidades. Destacamos como exemplo desses circuitos, as Tendas de Cuidados que aconteceram durante o XII Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), em novembro de 2023 na Lapa, no Rio de Janeiro, e na Troca de Saberes (Universidade Federal de Viçosa) que aconteceu em julho de 2023.

Outro marcador social dos (as) participantes da viagem terapêutica é serem de origem ou residentes da Zona Rural, embora a Maju Escola de Terapias Tradicionais e Saberes da Terra seja localizada em um bairro periférico - Morro do Escorpião - na zona urbana de Caratinga - MG . A origem camponesa de alguns participantes refletia na alimentação. Parte dos alimentos utilizados durante os 10 dias da viagem terapêutica foram trazidos no ônibus. Esses alimentos eram oriundos de contribuições ou trocas realizadas pelos (as) participantes agricultores(as) familiares e agroecológicos, como

---

<sup>2</sup> Maria José é a fundadora da Maju Escola de Terapias Tradicionais. Em 2022 ela passou a direção da escola à sua filha. Ela também foi uma das fundadoras da Associação de Terapeutas das Culturas Tradicionais. Maju é terapeuta experiente e referência em saberes.

por exemplo: doces caseiros, gordura de ‘capado’, porco, fubá, pó de café, arroz, feijão, linguiça, folhas de chás, cebola, alho e banana. Já o coquinho, fruta típica local, foi oferecido pelos indígenas Pataxó. Os outros alimentos foram comprados no supermercado próximo a Pousada. Chamou a atenção o fato de os participantes da viagem ofertarem doces caseiros para os indígenas Pataxó, principalmente às crianças. Essa oferta de doces contribuiu na aproximação entre os indígenas Pataxós e os não-indígenas que são terapeutas.

Além de praticarem diferentes terapias, observamos que os (as) terapeutas possuem diversas matrizes ontológicas de religiosidades e espiritualidades, dentre as quais se destacam: Catolicismo, Espiritismo, Xamanismo, Religiões Afro-Brasileiras, Ayahuasqueiros, Espiritualistas. Embora muitos se identifiquem com o modo de vida e espiritualidade da ancestralidade dos povos indígenas bem como com os elementos considerados sagrados por estes, tais como a água, o fogo, a terra e o ar, o que pode ser observado a partir do que os autores(as) Carvalho e Steil (2022) que compreendem esse fenômeno como relações de *sacralização da natureza e naturalização do sagrado*.

Esse processo de Sacralização da Natureza esteve presente em várias práticas e momentos de rituais, durante os rezos, as danças, os cantos e as terapias realizadas na Pousada onde nos hospedamos. E também na praia, na mata e nas visitas à aldeia indígena Nova Coroa Pataxó. Nessa imersão, foram expandidos as percepções, a corporeidade, e os sentidos que se reconhecem como parte da natureza a cada incursão entre *o mar, as árvores, a fogueira e a areia*.

Em suma, o encontro entre os terapeutas e os indígenas Pataxó pode ser elucidado por uma *confluência* (Bispo, 2023) entre cosmos, que tem como pano de fundo as práticas de cuidado, cura e proteção de si, da comunidade e da natureza. Por vezes, essas práticas também podem assumir-se como uma resistência ao que podemos compreender como as ameaças e mutações ambientais conhecidas como a era do Antropoceno.

Adicionado a isso, os processos de aprendizagens sobre as lutas indígenas pela demarcação de seus territórios e pela resistência ao racismo e a colonialidade introduziu conhecimentos, discursos e práticas, agenciando as realidades também por meio das práticas de ‘espiritualidade’ (Giumbelli & Toniol, 2020).

É válido considerar que a categoria ‘espiritualidade’ é pouco sistematizada na Teoria Social e “suas ocorrências se dão em um marco bastante amplo” (Giumbelli & Toniol, p.12), portanto, dentre as várias formas de compreender a ‘espiritualidade’, neste

trabalho propomos olhar para uma dimensão espiritual do sagrado que é corporificada na natureza (Carvalho; Steil, 2022). Essa dimensão espiritual também pode contribuir para os agenciamentos políticos a cada vez que é enunciada (Giumbelli & Toniol, 2020).

### **A entrada no campo: a etnografia das práticas de cura, cuidado e proteção**

Para alguns participantes a Viagem Terapêutica era um momento de lazer. Enquanto uns/umas aproveitaram o passeio para descanso, aprendizagem e convivência, para outras participantes foi uma oportunidade de uma imersão nas chamadas “terapias indígenas” e “práticas de cuidados”. Desse modo, neste estudo escolhemos nos ater principalmente a esses momentos de terapias, curas e cuidados.

As terapias são consideradas pelos praticantes como uma forma de *cuidar*, emaranhadas por uma malha (Ingold, 2015) de praticantes aprendizes e praticantes mais experientes (Lave & Wenger, 2022) que se encontram para praticar o *cuidado* em diversos circuitos que promovem esses encontros de praticantes. A viagem terapêutica corresponde a um dos circuitos estudados. A ideia de circuito é compreendida a partir do etnógrafo Magnani (2009), o qual realizou um estudo etnográfico com surdos, compreendendo os circuitos como trajetos que constituem modulações e constroem identidades que legitimam o pertencimento. Assim, a utilização da noção de circuito, permitirá olhar para esta realidade estudada cujo fenômeno que se destaca é o *cuidado* e sua rede de relacionais com as espiritualidades.

Com relação a categoria *cuidado*, esta é abordada em diversas pesquisas, e contextos empíricos, sendo considerada uma área de grande relevância principalmente na disciplina antropológica. Cuidar e ser cuidado é inerente às relações sociais humanas e perpassa também por outras dimensões não humanas, o que contribui para a natureza controversa desse conceito em diversos contextos (Drotbohm, 2022). Conforme entende Drotbohm (2022, p. 2):

Com o objetivo de entender de que formas vínculos importantes – entre seres humanos, mas não exclusivamente – são criados, mantidos e reconhecidos, bem como questionados ou rompidos. Os exemplos empíricos incluem um vasto escopo de atividades, tais como a educação de crianças e outras formas de apoio baseadas no parentesco, o trabalho doméstico e de limpeza, o trabalho íntimo, tal como o trabalho sexual, os serviços de acompanhante e os cuidados corporais (como massagem, depilação ou serviços de manicure), os serviços institucionalizados voltados para jovens, idosos, doentes e incapacitados, ajuda humanitária e ajuda de emergência, proteção social e as adaptações feitas em clínicas.

Assim, dentro da vasta literatura sobre essa temática, neste trabalho buscamos aquela que diz respeito a uma *ética de relacionamentos*. Interessa-nos compreender o cuidado como um modo de vida que produz relações e movimentos entre humanos, não humanos e espiritualidade.

A Pousada onde os participantes se hospedaram tornou-se um local de realização de diferentes práticas terapêuticas. Destacamos que uma das autoras deste trabalho é praticante de terapias, e participante dos circuitos de terapias e de movimentos sociais que envolvem a comunidade de práticas (Lave, 2022) de Minas Gerais, sobretudo as que ocorrem na região do Vale do Rio Doce. Já a outra autora também está imersa nesse mundo de práticas de terapias e movimentos sociais, porém situada em outras comunidades no Rio Grande do Sul. Desse modo, como dito anteriormente, precisamos estar atentas aos marcadores sociais das pesquisadoras, o que a autora Weitzman (2016) sinalizou em sua pesquisa como posicionalidade:

Uma mulher pesquisadora frequentemente ‘entra pela porta da cozinha’ e participa das rodas de conversa que acontecem na beira do fogão, enquanto um homem pesquisador transita com facilidade pelos espaços tidos como ‘públicos’ - a sala da casa, a lavoura, a sede do sindicato - espaços nos quais as mulheres tendem a ser menos presentes. Tais trânsitos, que implicam posições diferenciadas, interferem na natureza das versões que são apresentadas no cerne das representações etnográficas. (WEITZMAN, 2016, P.29)

Transpondo essa análise para o nosso contexto de pesquisa, evidenciamos a nossa facilidade de transitar pelos espaços os quais pesquisamos, e ao mesmo tempo devemos levar a sério as possíveis lacunas produzidas. Conforme o entendimento de Perin (2021, p. 303) “São nessas lacunas que podemos criar alianças e os engajamentos que permitem a construção das narrativas etnográficas”. O autor também nos lembra que a representação etnográfica é sempre uma verdade parcial, uma verdade posicionada.

Na pousada aconteciam desde rituais xamânicos, rodas de rapé, danças circulares até rezos e cantos de matriz católica. Essas práticas são marcadas pela inserção de elementos de mediações materiais como objetos, símbolos, plantas medicinais, livros, técnicas corporais e ritualísticas de diferentes tradições, o que revelou uma busca dos *cultivos de si e do ambiente* integrado ao cosmos, o que os autores Steil e Carvalho (2022) compreendem como uma espiritualidade materializada.

Observamos essas práticas no Espaço Sagrado, localizado na área externa da pousada. Este espaço foi organizado pelos terapeutas, para ser um lugar de orações,

rituais e contato com o sagrado, o que também acontecia pela mediação dos objetos como mandalas, oráculos, livros, plantas, pedras, entre outros.



Foto 1: Espaço Sagrado

Fonte: caderno de campo de Jaqueline Rocha Oliveira

O Espaço Sagrado também era composto por cartas e baralhos de oráculos, onde as pessoas faziam consultas e conversavam principalmente sobre assuntos relacionados às práticas terapêuticas e espirituais. Esse era um local de aconselhamentos e práticas de cuidado. A organização desse espaço aconteceu por meio de rituais, especificamente o ritual xamânico da “Abertura de portais no Espaço Sagrado”. Esse ritual foi conduzido por uma participante iniciada no Xamanismo, porém quando uma de nós chegamos ao local não foi permitido participar, pois já haviam começado o ritual. Segundo a Xamã: “Não te chamamos porque a energia veio na hora”. Contudo, mesmo não sendo autorizada a entrar no ritual, ao final ela propôs tirar uma carta de tarô, sendo uma forma de *ser cuidada*.

Em outro momento próximo ao espaço sagrado, no cair da tarde, uma terapeuta se aproximou e utilizou o rapé de jurema, com o fim de *ancorar a energia*. Com a orientação dessa terapeuta, utilizamos o rapé nos permitindo *ser afetadas* pela experiência que se apresentava. Mais tarde, já próximo ao horário de nos recolhermos, recebemos, por meio de outro terapeuta, uma mensagem psicografada de Caboclo Pena Branca direcionada a ambas as pesquisadoras. A mensagem nos autorizava a realizar a pesquisa. Fomos atravessadas pela espiritualidade a qual estávamos observando, sentindo e experienciando através do corpo, da escrita e do espírito, rompendo dicotomias corpo - matéria. Com os pés na terra, o ar, o rapé nos emaranhados na teia de relacionalidade entre humanos e mais que humanos.



Cuidar e ser cuidadas era algo recorrente durante a viagem terapêutica. Esse cuidado envolvia práticas de cura, proteção e regeneração em diferentes escalas. Em uma ocasião, uma praticante de terapias mais experiente, ofereceu uma homeopatia a uma de nós que sentia dores no braço e disse: “vai melhorar a sua dor no braço! Eu olho para você, dá vontade de *cuidar!*”.

Esse cuidado não é desprovido de tensões, sobretudo, quando não ocorre *reciprocidade*. Durante a viagem terapêutica, assim como aconteceu nos anos anteriores, é comum que os terapeutas cuidem dos indígenas Pataxó, e estes também cuidem dos terapeutas. Contudo, os indígenas Pataxó estavam muito atarefados com o comércio local, vendas de artesanatos, recepção de turistas, e organização de um casamento de dois casais participantes da viagem terapêutica, que se casaram na aldeia. De tal modo, os terapeutas não conseguiram *cuidar* dos indígenas em alguns momentos programados pelos terapeutas para as práticas acontecerem, o que gerou alguns incômodos: “será que eles querem ser cuidados?”. Desse modo, não querer ser cuidado causa afetos na cosmologia dos terapeutas.

Contudo, nos últimos dias da viagem os indígenas, inicialmente as crianças e posteriormente os mais velhos, aceitaram “ser cuidados”<sup>3</sup> e buscaram por alguns terapeutas para receberem atendimentos com a massagem terapêutica. Participamos desse momento observando e praticando terapias, o que também nos gerou atravessamentos na *posicionalidade* de pesquisadora e terapeuta. Alguns indígenas agradeceram o cuidado, carinho e acolhimento. Eles nos recebiam de forma diferenciada dos outros turistas. A palavra acolhimento muitas vezes era utilizada como sinônimo de cuidado, tanto pelos indígenas Pataxó como pelos praticantes de terapias. Fizemos essa observação logo quando chegamos à aldeia. Na fala de um dos indígenas “Família aqui não é uma apresentação cultural, mas sim um acolhimento!”.

Nas visitas à aldeia, fomos recepcionadas com alimentos, danças, cantos e fogueira. Participamos desses momentos com nossos corpos em movimento, implicadas e afetadas nas vivências coletivas. Os indígenas Pataxó ofereceram 3 práticas terapêuticas coletivas: duas terapias na mata e uma terapia no mar. As práticas terapêuticas envolviam rituais, cantos, danças e rezas e curas com fogueiras, argila medicinal, banho de ervas e banho de mar.

---

<sup>3</sup> Os terapeutas *cuidaram* dos Indígenas Pataxó com a ventosaterapia, as massagens terapêuticas, a bambuterapia, o Reiki, a dança circular e entre outras práticas terapêuticas.

De todas as vivências que tivemos na Viagem Terapêutica, a terapia com argila no meio da mata foi uma das mais mobilizadoras de afetos. Chegamos no centro cultural da aldeia indígena Nova Coroa Pataxó por volta de 16h. Nesse momento, alguns indígenas pataxó ainda atendiam nas barracas, onde comercializavam artesanatos. Porém eram poucas barracas abertas, uma vez que as vendas aconteciam na parte da manhã. Fomos recepcionados e *acolhidos* pelo grupo de indígenas responsáveis por conduzir a terapia. Saímos juntos em caminhada por uma estrada de chão que durou aproximadamente 20 minutos, passando por dentro da aldeia até o local da mata (ou o que restou dela) onde foi iniciado o ritual. As casas eram simples, havia comércios, pessoas nas varandas e plaquinhas ofertando serviços. Chamou a atenção a quantidade de igrejas evangélicas neopentecostais, que conforme uma liderança indígena, totalizam mais de 10 igrejas, fenômeno que de alguma forma impacta na cultura local.

Ao entrar na trilha na mata, as lideranças indígenas que faziam a *guiança* nos orientavam a pedir licença e a ficar em silêncio. Durante esse trajeto os indígenas foram cantando suas músicas, ritualizando. Ao chegar no local observamos o cuidado, com os detalhes dos preparos: os tapetes para nos sentarmos, a fogueira ao centro, o altar cuidadosamente preparado e os baldes de argila medicinal. Na lateral havia uma espécie de altar, com alguns objetos indígenas sagrados, totem de coruja e folhas de bananeiras. Havia uma caixa de som. Em alguns momentos os indígenas colocaram músicas de tradições xamânicas e de pontos comumente ouvidos nos Terreiros Afro-brasileiros. Em outros faziam os seus cantos de tradição Pataxó. Estávamos em círculo. Uma das lideranças nos acolheu na língua Pataxó e logo traduziu: “Bom dia! Amo vocês! Acolho vocês!”. Outros indígenas Pataxó nos ensinaram sobre a sua cultura, o maracá, origem do povo Pataxó, os usos e tipos de argilas medicinais.

Um dos indígenas agradeceu a Maju: “Maju, mãezinha querida! Me abri e me enxerguei mais através de vocês, após ir em Caratinga (no curso de férias para educadores populares). Agradeço por estar com a Escola Maju”. E continuou o ritual. Em suas palavras: “Licença para a mãe natureza. Abaixo de Deus é a natureza, a água, o fogo”. E ali acontecia um encontro entre cosmos, terapeutas (alguns brancos e outros racializados) e indígenas Pataxó *confluindo* nas práticas de cuidado e cura no *coração da mata* (forma como uma das indígenas se referia a mata).



Foto 2: Terapia indígena na mata.

Fonte: caderno de campo de Jaqueline Rocha Oliveira

A orientação foi que sentíssemos o próprio corpo e disséssemos onde doía, para sermos cuidadas com argila. Nas palavras da indígena Pataxó: *Qual lugar do corpo precisa de cura?* Então, os indígenas Pataxó foram ritualizando e passando a argila branca em cada participante. A escolha das pessoas para serem atendidas iam se dando aleatoriamente. Ao serem tocados intermediadas pela argila, os corpos das pessoas ficavam marcados, pintados. Algumas nos rostos, na cabeça, nos pés, nas articulações, nos ombros.

Enquanto acontecia a terapia, algumas pessoas dançavam próximas à fogueira, outras se deitaram no chão, outras ficaram em estado de meditação e outras “*ancoravam a energia*” e estendiam as mãos para “*energizar*” o lugar. Ao receber a argila algumas pessoas “*entraram em processo terapêutico*” tendo reações como choros, tremores, respiração ofegante e realizando danças. Durante o momento em que cuidava dos participantes com a argila, um dos indígenas Pataxó recebeu alguns *encantados*, incorporando caboclas, erês e entre outros.

Nesse momento, estávamos alertas observando o fenômeno que se apresentava. Um dos indígenas Pataxó se aproximou e disse: “Venha cá, coloque suas mãos na árvore e concentre a sua força nela”. Então iniciou o ritual de cuidado passando a argila no ombro direito de uma das autoras, e em seguida no coração, dizendo: “o amor da mãe terra cura (...) deixa sair todas as dores que precisam ir (...) o seu sagrado feminino (...)”. Essa experiência pode ser observada no relato de campo de uma das autoras:

Nesse momento experimentei uma sensação de aconchego e uma vibração. Após um tempo, ainda conectada com a árvore, senti uma emoção muito forte, percebendo uma vibração que vinha da seiva da árvore, pulsante. Não conseguia parar de chorar. Sem tentar entender ou criar significados, nesse instante fui afetada profundamente. Sentia a Mãe Terra (assim chamada pela espiritualidade indígena) através da árvore, e sentia as suas dores. E

novamente fui tomada pelas dores da terra, em um choro conectado aquela árvore. Então sentia que precisava pedir perdão à Mãe Terra: ‘Sinto muito Mãe Terra, me perdoa!’. Essa sensação me atravessou de tal forma que eu não conseguia parar de chorar. Ao mesmo tempo, tive uma cosmo percepção de que todos os participantes estavam conectados aquela experiência, e, portanto, o choro pertencia a todos. Então o indígena Pataxó que me cuidava disse: ‘chora não mãezinha, vem para roda, abre os braços para receber o abraço e sentir o vento’. Em seguida ele entoou um canto. Nesse momento senti um alívio, e aos poucos me despedi e desconectei da árvore, e de olhos abertos fui em direção a fogueira experimentando o calor do fogo e uma sensação de paz. Meu ombro já não doía como antes. Saudamos o fogo (OLIVEIRA, 2024).

Nesse momento muitos terapeutas enviavam vibrações com as mãos postas em postura de reiki para aquele processo terapêutico que se apresentava. Posteriormente, em uma conversa com Maju, ela disse: “enquanto você chorava eu estava vendo um rio de sangue passando”. Para a outra autora deste trabalho, essa experiência também demarcou emaranhamentos e afetos:

Em pensamento, eu discretamente ali observando tudo, também pedia desculpas aos Pataxós, porque a colonização começou ali, quanto sangue derramado, quanta destruição, quanta violência e mesmo assim, com muita generosidade, os Pataxós estavam ali a nos cuidar. E nós, a maioria pessoas brancas. A maioria mulheres. Muitas chorando enquanto suas dores materializadas no corpo eram pintadas com a argila branca. Eu fiquei observando tudo, imersa em meus sentipensares e, distraída, fui uma das últimas a ser atendidas. Eu ouvia muitos choros, choros profundos. Eu nem sabia o que me doía, doía o coração, de angústia e comoção por testemunhar as dores sendo estampadas e cuidadas com tanto carinho. Uma indígena Pataxó me atendeu. Com os restos de argila que caía de meu corpo, fui esculpindo pequenos objetos que hoje estão no altar aqui de casa, junto a imagem do caboclo Tupinambá que trouxe do Pará. Catei, depois, umas sementes de pau – brasil de uma árvore que se encontra junto ao Portal de entrada da aldeia. Esses artefatos fazem parte da composição simbólica que ornamentam a presença deste caboclo das matas que veio morar no apartamento no centro da cidade, para me lembrar sempre que a mata está aqui, seja pela sua ausência, pela lembrança de sua presença. [...]. Ao final, percebi que uma águia rondava o alto da pequena floresta. Observei seu vôo. E as folhas que mansamente caíam das árvores sem fazer alarde. Senti que queria ser mais assim como as folhas, pisar de mansinho nos lugares (Meinerz, 2022).

Embora cada uma que aqui escreve tem suas singularidades e percepções ao observar o fenômeno apresentado, ambas fomos atravessadas pelo rio de sangue, a fogueira, a árvore, o pássaro. Em meio às ruínas do antropoceno e da colonialidade, ali estávamos nós coabitando o mundo agenciado pelas espiritualidades incorporadas à mata.



Foto 3: Terapia indígena na mata com ritual na fogueira

Fonte: caderno de campo de Jaqueline Rocha Oliveira

Ainda em círculo, Maju agradeceu aos seus ancestrais. Conforme Maju: “foi através da minha avó indígena que veio uma revelação de que deveria ir para a aldeia, ajudar a reascender a chama sagrada. Desde 2011 a escola Maju vai para aldeia”. Nessa fala a palavra ajuda evidencia uma espécie de *‘cuidado como reparo’* às ruínas deixadas pela colonialidade naquele território. Esse cuidado, agenciado pela espiritualidade, também pode ser entendido como uma forma de modificar a realidade para *deixar o mundo melhor*, ou uma espécie de “salvacionismo” (Drotbohm,2022). Nessa perspectiva as ações de proteção e cuidado assumem um lugar de mobilização de regeneração da vida, tanto da aldeia quanto dos não-indígenas que buscam se conectar ao modo de vida indígena. Essas confluências (Bispo, 2023) são percebidas na fala de uma das lideranças indígena pataxó: “todos vocês têm um índio dentro, mas às vezes descuidam!”

Desse modo, possíveis alianças foram estabelecidas entre indígenas e não-indígenas, seja pelas práticas de cuidado ou mesmo pela mobilização política das espiritualidades. Ao final da experiência, uma das pesquisadoras permaneceu um dia a mais. Naquele dia, houve o assassinato de uma liderança Pataxó de uma outra aldeia próxima localizada no Sul da Bahia, que foi assim relatado nas palavras da pesquisadora: “Fui até a aldeia me despedir e comprar algumas lembrancinhas para trazer. Conversando com o cacique sobre o ocorrido, ele me pediu que eu gravasse um vídeo dele falando sobre o ocorrido, denunciando, e colocasse nas redes sociais. Assim o fiz. Está no meu instagram” (MEINERZ, 2024). Tal acontecimento, revelou as disputas políticas e tensões socioambientais presente naquele território, como um marcador geopolítico das violências sofridas pelos povos originários desde a

colonização, o que nos atravessava de uma forma ainda mais profunda, uma vez que estávamos inseridas e afetadas por aquele contexto.

### **Considerações finais:**

Durante a viagem terapêutica, entre o preparo do alimento, as partilhas, os rituais, as práticas de cuidado e cura, (com)viveram as crianças, as pessoas idosas, jovens, diferentes gerações e etnias. Como diria o mestre Bispo “Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece” (2023, p. 15).

Observamos o fenômeno ao mesmo tempo que nos relacionamos com o mesmo. Ao compor com os diferentes mundos, seja o mundo indígena ou o mundo dos terapeutas, nos enredamos (Ingold, 2010), desde a posição de pesquisadoras a um certo pertencimento da comunidade de práticas (Lave & Wenger, 2022), cuidando e sendo cuidadas.

Estar no campo vivenciando, participando e ao mesmo tempo olhando pelas das lentes de pesquisadoras, foi um desafio colocado desde a experiência individual e coletiva. Reposicionamos, então, a nossa forma de habitar e perceber outras ontologias. Construimos possíveis alianças (Prigogine & Stengers, 1983) entre a nossa realidade e as árvores, o mar, as terapias, os cuidados, as fogueiras, o nascer do sol, os humanos e mais que humanos, indo além da dicotomia entre natureza e cultura.

Assim como as ondas do mar seguem suas trajetórias, nós também seguimos nossas trajetórias vitais desde os territórios estudados, porém revitalizadas pelo encontro com o rio, o mar, as florestas e a ancestralidade. Embora a marca do colonizador seja feita a ferro e fogo, os povos originários ironicamente recebem muito bem a nós não-indígenas. Ao chegar na aldeia as portas estavam abertas. O que nos une apesar das distâncias e diversidades? Esse vigor que se constrói no estranhamento e ao mesmo tempo na presença da intimidade, no acolhimento e em alguma escala de análise no pertencimento?

Nossos corpos foram afetados pela experiência de compor com diferentes mundos. Nossas dores foram cuidadas e *acolhidas*. Nossa cosmopercepção atualizada ao tocarmos e sermos tocadas pelas árvores, a areia, o mar e o rio de lágrimas e sangue. Corremos o risco de nos perder em meio aos encantamentos de um campo de possibilidades. Poderíamos assumir uma postura “neutra”, contudo essa seria uma

pesquisa de uma ciências dura, sem entrelaçamentos e afetos. Produzimos interferências e nos emaranhamos nessa teia de relacionamentos que são as práticas de cuidados, contudo nos mantivemos mais que atentas: estávamos presentes para assim captar as cosmopercepções que nos atravessaram. De alguma forma, estivemos implicadas no corpo da terra. “Meu corpo é feito da mesma carne que o mundo” (...) (MERLEAU-PONTY, 1984, P.225).

## Referências

- DROTBOHM, Heike. “O cuidado além do reparo.” *Revista Mana* 28(1): 1-23, 2022.
- FAVRET-SAADA, J. “Ser afetado”. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, ano 14, p. 155- 161, 2005.
- GIUMBIELLI; E.; TONIOL, R. Espiritualidade em perspectiva: debates e aproximações do tema pelas ciências sociais. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p.11-19, 2020.
- INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Revista Educação**. v.33, n.1, Porto Alegre. jan./abr.2010
- INGOLD, T. **Estar vivo**: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- LAVE, J. & WENGER, E. Aprendizagem situada participação periférica Legitimada. 2022
- MAGNANI, J. G. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009
- MERLEAU-PONTY, M. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva. 1984
- NETO, E. R. B.; GOLDMAN. M. **A maldição da tolerância e a arte do respeito nos encontros de saberes**. *Rev. antropol.* (São Paulo, Online) | v. 65 n. 1: e192790 | USP, 2022
- OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.
- PERIN, V. P. **Sobre histórias, fragmentos e silêncios em narrativas engajadas**. *Anuário Antropológico*, p. 298-314, 2021
- Prigogine, Ilya, e Isabelle Stengers. *A Nova aliança*. Metamorfose da ciência. Brasília: Universidade de Brasília, 1984
- SANTOS, A. B. (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo, SP: Ubu Editora; Piseagrama

SILVA, Hélio.R.S. **A situação etnográfica: andar e ver.** Horizontes Antropológicos, 15, (32):171–188, 2009

STEIL, C.; CARVALHO, I. Na “carne do mundo”: imanência, subjetivação e espiritualidades ecológicas. **Lusotopie.** XX(1-2). 2021. Disponível em <<http://journals.openedition.org/lusotopie/1945>> Acesso em 10 de dez. 2022.

SZTUTMAN, Renato. Um acontecimento cosmopolítico: O manifesto de Kopenawa e a proposta de Stengers. Mundo Amazônico, 10(1): 83-105, 2019.

WEITZMAN, Rodica. 2016. Tecendo deslocamentos: Relações de gênero, práticas produtivas e organizativas entre trabalhadoras rurais. Rio de Janeiro, Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.